

Educação a distância: ensino democrático ou excludente?¹

Chandrélin de Paula Cardoso dos Reis Cantelle (IDP)

chandrelincr@gmail.com

Delyana Santana de Britto Marinho (UNEB)

delyanabritto@gmail.com

Introdução

A educação remota, à distância ou híbrida requer um esforço por parte dos professores acostumados como o ensino tradicional presencial, adaptações metodológicas e aderência às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs). A pandemia trouxe a necessidade do afastamento de corpos da sociedade e, por esta razão, a transformação do ensino presencial em remoto emergencial. O uso da tecnologia para propiciar o ensino remoto evoluiu de forma vertiginosa, em razão da necessidade de continuidade do ensino durante a pandemia, o que exigiu de alunos e professores adaptação às novas demandas que incluíram o uso das TDICs para não ficarem excluídos da nova modalidade de ensino remota.

Para Penteado e Costa (2021), o ensino EAD (Ensino a Distância), remoto ou híbrido levam a pensar sobre desafios na formação dos professores no que tange à produção de aulas virtuais, principal recurso, e de um processo midiático educativo. São inúmeros os itens que trazem dificuldades aos docentes, desde a semiformação, medo de falar em frente às câmeras, controle do

¹ Este trabalho faz parte das atividades do Grupo de Pesquisa EDUCATIO – Políticas Públicas e Gestão da Educação.

tempo, até a prevalência da linguagem corporal em detrimento da ação pedagógica.

Percebeu-se o declínio do ensino pela falta de recursos adequados (espaço, computadores/celulares), ausência de formação e suporte dos professores, além da sobrecarga de trabalho e afetação à saúde mental dos estudantes, familiares e docentes.

Desenvolvimento

A realização do ensino à distância, como exigido em tempos de pandemia, fez ressoar a identificação de necessária intervenção estatal, com adoção de políticas educacionais destinadas ao aprimoramento de novas tecnologias na educação.

Denotou-se ainda o baixo aproveitamento dos estudantes que não estavam adaptados à nova realidade. O professor, enquadrado numa tela sem acesso e interação com os alunos, sem respaldo e retorno acerca da compreensão dos assuntos explanados, numa ausência corporal e presença virtual, foi colocado numa situação de descontrole quanto à entrega da mensagem (conteúdo), à qualidade das aulas que se resumiram à metodologia expositiva, à existência real de ouvintes/receptores da mensagem.

A sensação é de uma ilusão de ensino, que não se conferiu acesso aqueles que não detinham de meios eletrônicos para os encontros virtuais e despreparo diante das câmeras por parte dos docentes que não tiveram alternativa, nem tempo de preparo para ali estarem.

A dinâmica docente presencial apresenta diferenças com relação a prática docente virtual, que demanda recursos da imagem e áudio diversos das aulas presenciais, o controle do tempo, o método de abordagem das aulas sem controle da entrega efetiva da mensagem, a falta de retorno e respostas dos alunos, dentre outros.

Contudo, em que pese as dificuldades apontadas, é possível vislumbrar aspectos positivos:

(...) É possível antever, por exemplo, a diminuição de resistências de professores às tecnologias; a ampliação da familiaridade dos professores com o ensino mediado por tecnologias e a abertura para mudanças e inovações nas práticas de ensino aprendizagem. (PENTEADO; COSTA, 2021, p. 4)

Apesar dos desafios impostos pelo ensino remoto emergencial, percebe-se hoje a familiaridade dos professores com o ensino tecnológico que antes não estava materializado em grande parte dos estabelecimentos educacionais. A inovação é importante e um caminho necessário para o progresso e desenvolvimento da educação, mas é fundamental que isso ocorra com planejamento e ações concatenadas com a realidade local de cada instituição de ensino.

Importante analisar o que Silva (2019, p.17) dispõe sobre a tecnologia no ensino como uma realidade palpável: “Dada a importância da amplitude do uso da tecnologia na sociedade, é fato que o processo de ensino-aprendizagem não poderia ficar alheio a esse acontecimento”.

A baixa interação e a falta de diálogo entre os atores do contexto escolar importam em prejuízos para o desenvolvimento do ensino. A base para a prática educacional acontece a partir da evolução da comunicação escrita e verbal e, para isso, o ambiente escolar deve ser o instrumento de promoção dessas habilidades.

Percebe-se o problema da midiaticização da sala de aula, da espetacularização do ensino, o professor antes de dominar o conteúdo e suas competências como educador, precisa se apoderar de uma linguagem audiovisual que o aproxima de um apresentador de televisão, alguém que primeiro comunica para, talvez, ensinar. Penteado e Costa (2021, p.9) apresentam a partir de pesquisa

realizada que: “A produção de videoaulas configura sobrecarga e gera vivências negativas e sentimentos de desamparo, desconforto, frustração, desmotivação e esgotamento físico e mental dos docentes.” Possivelmente isso acontece pela carência na formação docente dessa modalidade de ensino.

Assim, a modalidade de ensino à distância, remota ou híbrida traz exigências profissionais dos docentes que não compõe suas competências e formação básica. Contudo, essa não é a única razão do empobrecimento de ensino e da falta de aprendizagem, porque a falta de diálogo e aproximação entre docentes e discentes também é causa de um ensino frustrado.

Importa ainda considerar a dualidade incidente acerca dos desafios da Educação Remota: a Pandemia do Ensino X a Pandemia na Saúde, pois, a urgência de adaptação imposta pela pandemia afetou além das relações interpessoais, a economia e a educação. Dentre as facetas de prejuízos, destaca-se o prejuízo do ensino que precisou se desenvolver, às pressas, de modo remoto, sem preparo e subsídios, com pressão sobre professores e demais agentes da educação, mas, engajados em prol da continuidade do ensino. Todavia, não se pode negar que o despreparo, diante de situações indesejadas e imprevisíveis, como a pandemia causada pelo COVID-19, trouxe reflexos na educação dos estudantes, que ficaram conhecidos como “filhos da pandemia”.

A incerteza e o despreparo é observado a partir do que Dias; Pinto e Busquet (2022, p. 5) asseveraram:

Ainda não sabemos, ao certo, o que fazer. (...) Esse não saber, no entanto, por um lado torna-se abertura para a invenção, por outro, quando está aliado a uma estrutura de instabilidade social e política na qual estamos imersos, toma ares de crueldade nos proporcionando a sensação de impotência e medo.

O ensino presencial, desenvolvido na presença dos corpos permite interação, construção de conhecimentos, dinâmica entre alunos e professor. A prática pedagógica presencial possui compassos e forma diversos da prática pedagógica virtual e mais distante, cujo objetivo é a exposição do conteúdo pelo professor, há a centralização na figura desse profissional.

Considerações finais

A pandemia provocou desequilíbrios psíquicos em muitas pessoas, além dos profissionais da educação pressionados pela demanda de trabalho e pela nova dinâmica de externar os conteúdos. As consequências que a pandemia trouxe à população não importou apenas em sequelas físicas, mas mentais. Ignora-se a realidade da maioria dos alunos e docentes que estão despreparados e em descompasso para com as necessidades que um ensino virtual precisa: formação, meios tecnológicos, ambiente familiar favorável, entre diversos fatores.

A pressão por produtividade, pela elaboração de vídeos, pela formatação de aulas virtuais sem o desenvolvimento de habilidades mínimas causou sofrimento, sobretrabalho e uma sensação de “efeito placebo”: a mensagem do professor muitas vezes não chega ao aluno/receptor, que não responde aos questionamentos, que não está adaptado a nova dinâmica do ensino remoto, que não estabelece uma comunicação mínima.

Em última análise, verifica-se que o ensino na modalidade remota, EAD ou híbrida não tem a potência extraída dos encontros pessoais, presenciais, em razão de fomentar a exclusão pela falta de acesso aos meios eletrônicos e pela falta de ambiente social adequado ao estudo.

Referências

DIAS, R. de O.; PINTO, L. . S.; BUSQUET, L. Educação remota e pandemia em close-up. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 18, n. 49, p. e9121, 2022. DOI: 10.22481/praxisedu.v18i49.9121. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9121>. Acesso em: 26 set. 2022.

PENTEADO, Regina Zanella; COSTA, Belarmino Cesar Guimarães da. TRABALHO DOCENTE COM VIDEOAULAS EM EaD: dificuldades de professores e desafios para a formação e a profissão docente. **Educação em Revista: EDUR**, [S.L.], v. 37, n. 17, 30 abr. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698236284>.

SILVA, Cleverson Cirino Coelho da Silva. **Formação de professores na era digital: o caso da Secretaria de Estado da Educação do Paraná**. 2019. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Estadual do Paraná - Campus Paranavaí.